
Capítulo 2

A história da modificação de comportamento no Brasil

*Nilce Pinheiro Meijas
USP*

⋈o tratar da história da modificação de comportamento entre nós, parece-me importante lembrar que todas as atividades ligadas à análise experimental do comportamento, estão direta, ou indiretamente, ligadas à vinda do prof. Fred S. Keller ao Brasil. Já as atividades chamadas de terapia comportamental, comumente realizadas em consultórios, estariam, a meu ver, inicialmente mais ligadas a Joseph Wolpe, sendo praticada por muitos dos psicólogos que tiveram a oportunidade de entrar em contacto com aquele eminente psicólogo, nos Estados Unidos. Isso não significa que se possa fazer uma distinção clara entre terapia comportamental e modificação de comportamento - assunto, aliás, que já foi objeto de minhas preocupações (MEJIAS, 1981) - mas sim que grupos diferentes utilizaram-se de expressões diferentes nos primórdios da introdução da área entre nós. Assim, ao tratar da história da modificação de comportamento, parece-me oportuno lembrar, mesmo rapidamente, a passagem do prof. Keller no Brasil, para melhor esclarecer o momento em que, quase concomitantemente, alguns psicólogos deram início às suas atividades como modificadores de comportamento.

O prof. Keller veio pela primeira vez ao Brasil em 1961, como professor visitante da Universidade de São Paulo (USP), onde permaneceu um ano. Em 1964 retornou para lecionar na Universidade de Brasília, onde ficou, então, apenas alguns meses. Foi

nos contactos estabelecidos nessas visitas que o eminente professor introduziu, em nosso meio, uma nova abordagem psicológica baseada na análise experimental do comportamento. E embora não fosse a psicologia clínica objeto principal de seu interesse, sua influência não poderia deixar de abrangê-la, inspirando as primeiras experiências em modificação de comportamento entre nós. Quais teriam sido as pessoas que as realizaram e quais teriam sido as circunstâncias que rodearam suas experiências?

Ante tais indagações, o que me ocorreu, ao ser solicitada a escrever sobre a história da modificação do comportamento, não foi uma sucessão de acontecimentos em que se inseririam os vários profissionais responsáveis pela introdução da área. Outros psicólogos já se dedicaram a isso e continuam se dedicando, com extrema competência. O que me ocorreu, como tema de interesse, foi procurar esclarecer as circunstâncias especiais que rodearam alguns dos primeiros modificadores que trabalharam entre nós. Como eles, em determinado momento, passaram a desenvolver essa área? Qual teria sido a trajetória de cada um, ao se tornar um modificador? Imaginava, com base em BACHRACH (1966) e mesmo em WOLF, RIESLY & MEES (1964), que as circunstâncias poderiam ser as mais fortuitas, mas, quem sabe, não envolveriam alguns acontecimentos comuns, característicos de nosso meio?

As trajetórias descritas, com exceção da minha, naturalmente, basearam-se em entrevistas realizadas com os próprios modificadores, tendo em vista as seguintes questões: 1. como v. entrou em contacto com a análise experimental do comportamento? 2. como tiveram início suas atividades de modificador? 3. que circunstâncias rodearam esse início? 4. quais as pessoas que tiveram influência em suas iniciativas de modificador? 5. quais foram suas primeiras publicações na área?

Ao elaborar esta apresentação, limitei-me aos trabalhos pioneiros de três modificadores de comportamento em São Paulo e aos primórdios da realização de cada um.

1. As trajetórias pessoais

Rachel Rodrigues Kerbauy

Em 1963, Rachel estava ligada por uma bolsa de estudos ao Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" (filiação ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, por sua vez ligado ao Ministério de Educação e Cultura), quando soube, através da profa. Maria José de Barros F. de Aguirre, que um psicólogo americano estava apresentando um curso de psicologia em moldes diferentes dos tradicionais, que certamente a interessaria. E recomendou que, caso estivesse de fato interessada, procurasse o prof. Rodolfo Azzi, que havia trabalhado com o prof. Keller e estava agora trabalhando com o prof. Gilmour Sherman, atual professor do curso em questão. Rachel procurou, então, aqueles professores, o que resultou em sua matrícula no referido curso, que acabou se tornando extremamente importante pela influência que acabou por exercer em sua vida acadêmica. Dessa época, guarda, do prof. Sherman, uma das lembranças mais bonitas e mais caras de sua vida de estudante – foi uma aula sobre condicionamento

secundário em que o professor demonstrava o que ensinava, sincronizando sua exposição exatamente com as atividades que o rato executava.

Ainda em 1963, Rachel, recebeu uma bolsa de estudos do Governo francês e dirigiu-se para a França, onde permaneceu até o fim daquele ano.

De volta a São Paulo, encontrou-se com o prof. Azzi e, desta vez, também com o prof. Keller, que estava novamente entre nós para programar um curso na Universidade de Brasília todo voltado para a análise experimental do comportamento. Esses contactos reafirmaram seu interesse pela área, fato que a fez ir para Brasília para realizar seu curso de pós-graduação. Naquela Universidade, teve a oportunidade de não apenas assistir aos cursos do prof. Keller, como de ser sua monitora, além de assistir a aulas de alguns especialistas que lá estavam, então, como professores visitantes, ou seja, Jean Nazzaro e R. Berryman. Já nessa época publicou com Jean Nazzaro um experimento intitulado "A influência da área de estímulos e padrões na aprendizagem de uma discriminação", no *Jornal Brasileiro de Psicologia*, vol.2, n.2, 1965.

Em 1964, por razões políticas imperantes no país, o grupo de Brasília se dissolveu (como se há de lembrar, a atmosfera política era extremamente tensa na ocasião, atingindo as universidades) e Rachel, então, voltou para São Paulo, onde reiniciou seu curso de pós-graduação junto ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP. Ali defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada "Aprendizagem de uma discriminação em crianças deficientes e normais e a manipulação de diferentes reforços", sob a orientação da profa. Carolina Bori, em 1968. Ao defender a dissertação já era docente daquele Departamento.

Ainda em 1964, ao voltar de Brasília, Rachel procurou Madre Cristina Sampaio Doria, sua antiga professora na então **Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae**, que reiterou seu convite para que ela fosse lecionar naquela instituição. Contratada para lecionar psicologia experimental ali permaneceu como professora até 1974, quando o **Sedes Sapientiae** e a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento se fundiram, transformando-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Suas primeiras atividades, enquanto docente no **Sedes Sapientiae**, foram dedicadas ao ensino de princípios básicos de análise experimental do comportamento na disciplina que denominou Psicologia Experimental. Para tanto, montou, então, numa sala, um laboratório com pombos, utilizando-se de caixas de papelão descritas por Skinner e construídas pelos próprios alunos. Mais tarde essas caixas foram substituídas por caixas de Skinner padrão, os pombos, por ratos e a sala, ampliada para três. São dessa época duas publicações: "O ensino em laboratório de psicologia com recursos reduzidos", *Jornal Brasileiro de Psicologia*, 3, 49-55, 1966 e "Análise Experimental do Comportamento: o ensino de laboratório com pombos", publicado por uma gráfica.

Foi somente em 1969 que, ao lado das opções de escolha entre psicologia clínica, escolar e organizacional, Rachel ofereceu, aos alunos do curso de psicologia, mais uma opção, ou seja, formação em modificação de comportamento, ainda sob a denominação de Psicologia Experimental. Na área de opção escolhida, realizou, a princípio, a modificação de comportamentos simples, como chupar o dedo e enurese. Quanto à fonte de leituras básicas utilizada foi constituída pelo JABA e o que encontrava disponível na época, como "*Princípios de Psicologia*", de KELLER, F.S. & SCHOENFELD, N., São

Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973, traduzido por² Carolina Bori e Rodolfo Azzi. Fez, ainda, algumas traduções especiais para os alunos. Esse curso, mais tarde denominado "Treino em Modificação de Comportamento", passou a prestar atendimento a crianças e adultos, incluindo treino de para-profissionais e treino em observação. Graças a auxílio da FAPESP, teve ainda nesse curso, como professor visitante, a colaboração de H. Mahoney, da Universidade de Pensilvânia. Mahoney tinha uma experiência especial com delinquentes em chamadas **learning houses**, casas em que crianças delinquentes viviam com um casal em substituição aos pais. Mahoney e sua esposa haviam vivido como pais em uma dessas casas. Além do tema sobre delinquentes, o prof. Mahoney ministrou também disciplina sobre modificação de comportamento cognitivo.

Parece interessante notar que o curso sobre modificação de comportamento dirigido por Rachel, que teve a assessoria constante do prof. Rodolfo Azzi, estava em pleno funcionamento quando Gary Martin, em 1973, veio, como professor visitante para a PUC. Ese curso funcionou até 1974, quando a professora passou a se dedicar, em tempo integral, às suas atividades junto ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP.

Entretanto, há muito interessada em discriminação e influenciada, sobretudo, pela leitura de dois artigos de grande importância na época, ou seja, o de I. Goldiamond "Self-control procedures in personal behavior problemas, publicado no **Psychological Report**, 17, 851-868, 1965, e o de C.B. Ferster, "The control of eating", publicado no **Journal of Mathetics**, 1, 87-109, 1962, Rachel passou a se aprofundar nos temas abordados naqueles artigos e, em 1972, defendeu sua tese de doutorado intitulada "Autocontrole: manipulação das condições antecedentes e consequentes do comportamento alimentar" sob a orientação da profa. Carolina Bori. O **autocontrole** vem constituindo, desde então, sua área de pesquisa e orientação, juntamente com **comportamento e saúde**, um tema já implícito em sua tese de doutorado.

Luiz Octavio de Seixas Queiroz

Luiz Octavio entrou em contacto com a análise experimental do comportamento, como disciplina regularmente ministrada no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP, no início da década de 60. Ainda como aluno daquele Departamento, cursou em 1962, a disciplina ministrada pelo prof. Gilmour Sherman, discípulo do prof. Keller, e pelo prof. Rodolfo Azzi, professor do Departamento de Psicologia Experimental.

Em 1963, foi convidado pela profa. Carolina Bori para terminar seu curso em Brasília, onde ela e o prof. Rodolfo Azzi, com a colaboração preciosa do prof. Gilmour Sherman e do prof. Keller – então, novamente no Brasil – estavam programando o curso, já citado, todo voltado para a análise experimental do comportamento. Depois de alguma hesitação, temendo os percalços de um mudança grande em sua vida, Luiz Octavio aceitou o convite, mudando-se para Brasília em abril de 1964. No segundo semestre, bacharelou-se e começou seu programa de mestrado. E foi realizando esse programa que foi monitor de laboratório do IAEC, então sendo ministrado pelo prof. Keller.

Quando o grupo de professores de Brasília se dissolveu, Luiz Octavio voltou para São Paulo.

Em São Paulo, já no início de 1966, foi convidado pelo Reitor da Universidade Católica de Campinas para ser docente daquela Universidade, onde começou lecionando psicologia experimental para o segundo, o terceiro e o quarto ano. Foram os próprios alunos do quinto ano que solicitaram, como matéria optativa, a aplicação dos princípios da análise de comportamento em clínica. Organizou, então, o curso com a profa. Therèse Tellegen, coordenadora da clínica, utilizando, como leitura básica, o livro de L.P. Ullmann & L. Krasner (Eds) *Case Studies in Behavior Modification*, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1966.

Durante todo esse período, a **Clinica do Comportamento** foi-se desenvolvendo,

Nessa época, estando em busca de um lugar para estágio dos alunos, Luiz Octavio entrou em contacto com o Hospital Psiquiátrico Américo Bairral, de Itapira, onde ouviu e discutiu relatos dos psiquiatras que, interessados no que ouviram, foram a Campinas para conhecer as instalações da PUCCamp. Dessa visita resultou um convite a Luiz Octavio para colaborar no atendimento aos pacientes do hospital, colaboração essa que deu origem à elaboração de sua tese de doutorado intitulada "Modificação de comportamento numa ala de pacientes crônicos utilizando sistema de economia de ficha: controle das respostas de higiene matinal através de instruções orais e esmaecimento", defendida junto ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP, sob a orientação da profa. Carolina Bori, em 1973.

O curso ministrado na PUC de Campinas, em 1969, constituiu sua primeira experiência em análise experimental do comportamento aplicada. Nesse mesmo ano, porém, um ano difícil, em que foi baixado o AI-5, o novo Reitor da Universidade entrou em conflito com um grupo de professores, entre os quais Luiz Octavio que, foco principal desses conflitos, teve que deixar a Universidade em agosto daquele mesmo ano. Foram 50 os professores que, então, se afastaram da Universidade.

Tendo deixado a Universidade, fundou, então, ainda em Campinas, com os alunos que atuaram como estagiários, a primeira clínica em modificação do comportamento do Brasil, que se chamou **Clinica do Comportamento**. Nessa clínica procurou repetir o que fazia na Universidade, ou seja, realizar, concomitantemente ao atendimento psicológico, cursos, pesquisas e publicações. Era prática comum da clínica formar grupos ao redor de um tema para discussões que se realizavam em reuniões semanais de cerca de duas horas. Os grupos apresentavam, então, o que estavam estudando. Luiz Octavio, interessado em compulsão-obsessão, solicitou aos terapeutas de Campinas que, se tivessem clientes com esse problema, os encaminhasse para a clínica. O grupo passou a estudar o assunto e uma consequência importante desses estudos foi a produção do artigo intitulado "A functional analysis of obsessive-compulsive problems with related therapeutic procedures" publicado na revista **Behavior Research and Therapy**, 19, 377-388, 1981 – uma experiência que Luiz Octavio, por justificadas razões, considerou como muito gratificante. Primeiro, tratava-se de um artigo longo, para o qual não houve nenhuma sugestão de alteração ou corte. Depois, ele achou importante o fato de esse artigo ter tido repercussão internacional, tendo recebido inúmeras solicitações de cópias. Além disso, foi posteriormente publicado em dois livros especializados, um sobre terapia de adultos e outro, sobre terapia de crianças. Note-se que o estudo envolvia duas crianças e dois adultos. Durante todo esse período, a Clínica do comportamento foi-se desenvolvendo chegando a abrigar 23 profissionais. Na realidade ela explodiu e acabou por gerar cerca de

de cinco outras clínicas, em Campinas. Ainda em pleno funcionamento, recebeu a visita do prof. John Boren, recomendado por carta pelo prof. Keller. Esse professor, grande pesquisador em psicofarmacologia, permaneceu com o grupo durante seis meses.

Em 1972, um grupo de professores da PUC de São Paulo decidiu organizar um curso sobre modificação de comportamento para o qual desejava a assessoria de um modificador americano. Como parte desse grupo e no papel de intermediário, Luiz Octavio solicitou, então, ao prof. Keller a indicação de alguém e este sugeriu o nome de Gary Martin. Comparecendo a um simpósio internacional sobre modificação, em outubro de 1972, em Mineapolis, Minesota, Luiz Octavio ali encontrou aquele psicólogo com o convite já formalizado e aproveitou para combinar detalhes de sua vinda. Gary Martin veio para o Brasil em 1973. Nessa época, além da assessoria desejada, contribuiu também para a fundação da Associação de Modificação de Comportamento nos moldes da já existente em Manitoba. Luiz Octávio foi o primeiro presidente dessa sociedade.

Em 1979, a clínica de comportamento foi dissolvida. Convidando dois colegas, Luiz Octavio organizou um consultório que funciona até os dias de hoje.

Minha própria trajetória

Minhas atividades na área de modificação do comportamento tiveram início em 1968. Entretanto, foi em 1962, como docente na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, onde a profa. Carolina Bori introduzira estudos na área, que entrei em contacto com a análise experimental do comportamento. Em 1963, praticamente nas vésperas de partir para a Europa, tendo em vista uma bolsa de estudos na Itália, entrei em contacto com o prof. Gilmour Sherman, discípulo do prof. Keller, que estava, na época, ministrando aulas na USP como professor visitante. Atendendo a meu pedido, o prof. Sherman deu-me, então, o endereço em Londres do **Animal Laboratory**, do **Birkbeck College**, da Universidade de Londres, onde estaria trabalhando um outro discípulo do prof. Keller, J.R. Millenson. Depois de um período de bolsa na Itália, dirigi-me para Londres, mas lá não mais se encontrava J.R. Millenson. O chefe do laboratório, docente da Universidade, era, então, o prof. Harry Hurwitz, originariamente da África do Sul, que concordou em me aceitar como estagiária por tempo praticamente indeterminado. Nesse período, orientada pelo prof. Hurwitz, tive ocasião de não apenas assistir a aulas e a seminários, de acompanhar discussões sobre os trabalhos de pós-graduação sendo realizados, acompanhar de perto os experimentos em andamento, como de realizar, juntamente com um dos orientandos do prof. Hurwitz, um experimento sobre interação social com pombos. Tratava-se, note-se, de um estágio ligado à pesquisa básica. E o que, especificamente, me levou à modificação de comportamento? Nessa época, era pouco numerosa ainda a literatura sobre estudos com crianças na área, conforme constatei em pesquisas bibliográficas e, no meu interesse pelo assunto, entrei em contacto com um psicólogo neo-zelandês, que, justamente, realizava, para seu doutorado, em outra Unidade da Universidade de Londres, um estudo com criança e estava interessado em trabalhos ligados com os seres humanos. Foi esse psicólogo que me indicou a leitura de um artigo que foi de extrema importância para mim, ou seja o artigo de AYLLON, T. & HAUGHTON, E., "Control of the behavior of schizophrenics by food", publicado no **Journal of Experimental Analysis of Behavior**, 5, 343-352, 1962. Esse artigo, sobre um trabalho

realizado com esquizofrênicos num hospital psiquiátrico de Saskatchewan, Canadá, foi importante porque me abriu perspectivas sobre a possibilidade de aplicação de princípios de análise experimental inclusive à área de educação. Estávamos em 1964 e no fim desse ano regresssei ao Brasil para reassumir minhas atividades na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

Foi somente em 1968 que, tendo deixado Rio Claro e trabalhando, então, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*, curso de Pedagogia, recebi um convite da profa. Maria da Penha Villa Lobos, que, na época, era coordenadora do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" (o mesmo ao qual estivera ligada Rachel) para trabalhar na Escola de Aplicação daquela entidade - uma escola de primeiro grau, sediada na Cidade Universitária da USP, como aliás, o próprio Centro Regional. Descrevi, então, o experimento de Ayllon e Houghton e falei de minhas antigas idéias de aplicação de princípios da análise de comportamento à educação. A profa. Maria da Penha mostrou-se interessada, dando-me, então, aval incondicional para realizá-las. Outra pessoa de grande importância para a realização do trabalho, que abrangeu a totalidade da escola, foi a profa. Jacyra Calazan Campos, então diretora daquela instituição. Sem o seu incondicional apoio, meu trabalho com certeza não poderia ter sido realizado.

Iniciadas as atividades, o primeiro resultado concreto obtido foi o estudo "Efeitos de atenção de colega sobre o comportamento isolado de uma criança em hora de recreio", cujo resumo está publicado nos Anais da SBPC de 1969. Há de se notar que as observações na Escola de Aplicação foram realizadas pelas alunas do *Sedes Sapientiae*, em suas atividades de estágio.

Nesse período de primeiras experiências, além da colaboração das pessoas citadas e do Corpo Docente da escola, tive o apoio de duas pessoas que foram de suma importância para o desenvolvimento de meu trabalho: a profa. Carolina Bori, que não apenas me deu grande incentivo, como me presenteou com o primeiro número do JABA, datado de 1968, onde constava um trabalho de R. Vance Hall, da Universidade de Kansas. Interessada no método de observação apresentado naquele trabalho, escrevi então a Vance Hall, a quem posteriormente enviei o estudo citado. Esse estudo foi generosamente elogiado por aquele professor, um fato de grande importância para mim, sobretudo pela segurança que me deu quanto à realização dos estudos que eu vinha desenvolvendo de modo bastante solitário. Esses estudos transformaram-se, posteriormente, em minha tese de doutorado, orientada pela profa. Carolina Bori, defendida em 1973 e publicada sob a forma de livro, ainda em 1973, com o título "Modificação de Comportamento em Situação Escolar", pela Editora Pedagógica e Universitária Ltda. e pela Editora da Universidade de São Paulo. Ainda em 1973, meus contactos com o prof. Vance Hall tiveram prosseguimento com sua visita ao Brasil, como participante do XIV Congresso Interamericano de Psicologia, realizado em São Paulo. E prosseguiram, ainda, no início de 1974, com minha ida a Kansas em bolsa de estudo para estagiar durante três meses junto ao Dept. of Human Development, da Universidade de Kansas. Naquela Universidade tive a oportunidade de assistir a aulas e seminários, participar de discussões com alunos de pós-graduação, entrar em contacto com programas em andamento, como o Behavior Achievement, dirigido por M.M. Wolf. É importante lembrar que, junto àquela Universidade, desenvolviam-se trabalhos, de pesquisadores ilustres, como, além de Vance Hall, Donald B. Baer, Montrose M. Wolf, Todd R. Risley, Don Bushell e James A.

Sherman, entre vários outros.

No mesmo ano de 1974, ingressei no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, onde passei a desenvolver atividades na área de modificação de comportamento/terapia comportamental, juntamente com a profa. M. de Lourdes de Oliveira Pavan, com extensa experiência na área, tendo trabalhado, inclusive, sob a supervisão de Joseph Wolpe, nos Estados Unidos. À profa. M. de Lourdes, manifesto aqui meus sentimentos de profunda saudade.

A profa. M. de Lourdes foi substituída, no Departamento, pela profa. Edwiges R. de Matos Silveiras.

Nessa época, ou seja, na década de setenta, trabalhei em duas traduções de livros: fiz a revisão de "Os pais são também professores", de W.C. Becker, para a Editora Pedagógica e Universitária, em 1974, e traduzi (em colaboração) "A mudança do comportamento infantil", de J.D. Krumboltz e H.B. Krumboltz, para a mesma editora, em 1977. Além disso, publiquei o artigo "Análise de comportamento aplicada à escola", na revista *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, São Paulo, 1 (1), 41-49, 1976, editada pela Associação de Modificação de Comportamento.

Ainda na mesma década de 70, comecei a me interessar pela literatura concernente à área de psicologia da comunidade e, desde então, venho realizando e orientando trabalhos ligados a essa área.

2. Aspectos comuns e particulares das trajetórias

O primeiro fato, subjacente aos históricos apresentados, é a influência indiscutível da vinda do prof. Keller ao Brasil. Foi ele que estabeleceu aqui, com a colaboração importante dos professores Carolina Bori e Rodolfo Azzi, a base para que trabalhos como os descritos pudessem ser concretizados. Foi, assim, em determinado momento histórico da psicologia no Brasil que se tomou possível a realização de trabalhos pioneiros como os realizados pelos três modificadores acima.

Um outro fator de âmbito mais restrito, a ser considerado, é que os três modificadores trabalhavam, então, coincidentemente, como docentes na PUC. Isso leva a crer que aquela Instituição estaria concedendo, a seus professores, condições para a realização de novas experiências – condições essas que estariam ainda favorecendo a grande produção pessoal de cada um, inclusive quanto a publicações. Assim, não apenas foram introduzidas alterações nos programas de ensino pelos três modificadores, como se transformaram ambientes com a criação de um laboratório com recursos engenhosos, no caso de Rachel e a criação de uma clínica inovadora, no caso de Luiz Octavio – uma inovação que se expandiu para sua **clínica do comportamento**. No meu caso particular essas condições abrangeram a Escola de Aplicação, onde me foi permitido introduzir algumas alterações de aspecto geral, além de transformar totalmente a organização do recreio.

Entretanto, no afã de todo esse trabalho, colegas familiarizados uns com os outros, ligados às mesmas Universidades (à USP, em seu programa de pós-graduação e à PUC, em seu ambiente de trabalho, embora Luiz Octavio estivesse em Campinas), é curioso observar que os três modificadores ignoravam totalmente as realizações uns dos outros. Não seria esse fato um indicador do ambiente de isolamento acadêmico em que se vivia em nosso meio, onde ainda eram pouco freqüentes os contactos para discussões e colaboração inter pares? Esse fato parece confirmar um comentário do prof. Ferster, quando aqui esteve como professor visitante da USP em 1973, ou seja: estávamos, na época, muito voltados para ouvir especialistas estrangeiros e esquecidos de nossos colegas de convívio mais próximo. Por outro lado, o desenvolvimento da área ainda era recente e os contactos com especialistas mais experientes talvez fossem relevantes. Daí os convites ao prof. Vance Hall e ao prof. Mahoney e minha solicitação de uma bolsa de estudos para a Universidade de Kansas.

Quanto aos fatores de desenvolvimento pessoal, parecem variar bastante de um modificador para outro, mas a presença de algumas pessoas surge como importante para todos: é o caso do prof. Sherman, com seu curso ministrado em colaboração com o prof. Azzi, de que foi aluno Luiz Octavio, com sua indicação para meu estágio na Inglaterra, e o da profa. Carolina que surge nos relatos com um convite aqui, ou a oferta de uma revista ali, revelando-se atenta ao desenvolvimento de cada um e, sobretudo, com a orientação das teses. E há de se citar a importância do prof. Azzi no assessoramento que prestou a Rachel. Além disso, para cada um de nós parece ter havido um convite decisivo que permitiu a realização do trabalho: o de Madre Cristina, no caso de Rachel, do Reitor da Universidade Católica de Campinas, no caso de Luiz Octavio e o de M. da Penha Villa Lobos, no meu. Foram esses convites pessoais que, dando acesso a diferentes instituições, forneceram o campo de atuação para a realização de nossas experiências.

Quanto às publicações, são citados artigos e livros que teriam sido inspiradores, no caso de Rachel e no meu, ou auxiliares importantes do trabalho, no caso de todos nós.

Enfim, ao verificar os meandros percorridos por cada um em suas realizações, parece importante constatar o pano de fundo que embasou as atividades de todos. Os relatos mostram que, de uma forma ou de outra, fomos produtos de uma época e que, apesar das características próprias e da falta de contacto entre nós, estávamos seguindo caminhos bastante semelhantes, como que presos a um mesmo fio invisível, ligado às circunstâncias de um momento. Resta pensar na responsabilidade de quem tem o poder para criar tais circunstâncias.

Bibliografia

- BACHRACH, A.J. *Psychological Research: an introduction*. New York: Random House, 1966
- MEJIAS, N.P. A abordagem experimental e a psicologia clínica: problemas de relações entre nomenclatura, formas e espaço de atuação. *Boletim de Psicologia*, 33 (81), 25-33, 1981.

WOLF, M.M., RISLEY, T. & MEES, T. - Application of operant conditioning procedures to the behavior to the behavior problems of an autistic child. **Behavior Research and Therapy**, 1964, 1, 305-312.